

DESCOBRINDO POSSIBILIDADES: O SER COMO CRIADOR DE HISTÓRIAS Daniela Gomes Klepacz, Luiza Helena da Silva Christov, Vanessa Stolar, Nayra Lobo – Educação – Educação artística com habilitação em artes plásticas – Departamento de educação – Instituto de Artes – Campus São Paulo.

A presente pesquisa é, na verdade, um estudo teórico/prático de um processo de arte educação em uma escola municipal de São Paulo. Pretende-se aqui analisar a utilização de recursos de diferentes linguagens artísticas (teatro, música, artes plásticas) como possibilidade de contar e criar histórias, bem como investigar o papel da arte no ensino.

Para tanto, alguns autores como Platão, Rousseau, Ana Mae Barbosa, Herbert Read, Edith Derdyk, Piaget foram referências para interessantes discussões sobre o modo de ver, entender e ensinar arte.

Piaget diz: *“A educação artística deve ser, antes de tudo, a educação da espontaneidade estética e da capacidade de criação cuja presença é manifesta na criança pequena; e ela não pode, menos ainda que outras formas de educação, se contentar com a transmissão e aceitação passiva de uma verdade ou de um ideal totalmente elaborado: a beleza, como a verdade, somente tem valor quando recriada pelo sujeito que a conquista.” (L’Education Artistique et la Psychologie de L’Efant- p.23)*

Pensando um pouco nisso, houve a tentativa de desenvolver um projeto de aulas que visasse o ser como criador. Criador de imagens, de sons, de histórias. E nesse sentido, a história é ótima porque proporciona a possibilidade do encontro. Possibilidade esta que, como educadores, estamos sempre buscando: “encontrar” é também poder “a cor dar” alguma coisa em si e no outro.

Trabalhamos em três pessoas, o que tem se mostrado bastante interessante pois temos a oportunidade de trocar idéias, experiências e até mesmo inseguranças. Nossas aulas acontecem uma vez por semana com uma turma de quarenta crianças, durante uma hora. A turma é diariamente conduzida pela professora Tereza, que é também uma pessoa muito importante em nossas investigações, já que é também com ela que podemos trocar idéias e saber mais sobre as crianças.

A maioria das aulas ocorre dentro da sala, no entanto, procuramos sempre mudar a configuração habitual. Muitas vezes afastamos as carteiras e fazemos uma grande roda ou nos organizamos em pequenos grupos. As crianças dizem gostar da modificação, mas muitas delas pedem para sairmos da sala de aula. Sair da sala pode ser uma alternativa que permite um brincar mais livre, por outro lado, levar a brincadeira para o ambiente de aula mostrou-se eficaz na medida em que as crianças passaram a encarar as propostas como “brincadeiras sérias” mas não como imposições e/ou obrigações. Elas se permitem dizer quando não estão satisfeitas ou quando não se sentem a vontade para participar de determinada atividade.

Procuramos sempre estar atentas à essas indicações e tentamos dar atenção a cada uma das crianças, procuramos também ter cuidado com as palavras que usamos, assim como com a maneira que agimos, pois apesar de parecerem dispersos, eles estão atentos a tudo e levam muito em consideração o que fazemos e falamos.

Sabemos que estamos aprendendo sempre, com tudo, inclusive e principalmente com as frustrações, mas não deixo de pensar / sentir / intuir que um ensino prazeroso e divertido pode dar frutos mais bonitos e mais gostosos.

Herbert Read, após visitar diversas escolas a fim de ver as aulas de arte em andamento comenta: *“Minha primeira conclusão foi que os bons resultados dependiam da criação, na escola ou na aula, de uma atmosfera de compreensão, e, até certo ponto, ainda acho que isto seja verdade. Mas, se por ‘atmosfera’ nos referimos às comodidades que o dinheiro consegue comprar, então não é verdade. [...] A atmosfera é criação do professor, e criar uma atmosfera de compreensão, de feliz atividade infantil, é o principal, e talvez o único, segredo de um ensino bem sucedido.” (A educação pela arte - p.328)*

Devido ao contexto social e cultural e talvez ao modelo escolar tradicional, eles parecem muito presos ao senso binário de certo e errado, bom e mau, e são receosos de mostrar as próprias idéias, mas quando estimulados têm muito a revelar.

Percebemos que quando pedíamos um desenho a maioria ,primeiro, fazia a lápis depois contornava e por último pintava, sempre perguntando pra nós se estavam fazendo certo ou errado. Estamos aos poucos tentando mostrar que existem diversas formas de se fazer um desenho e que cada um tem um traço próprio e mesmo que se possa aprender o traço do outro, é importante que se pense sobre o seu próprio. Além disso, estamos sempre tentando levar materiais diferentes em cada aula e trabalhar ao máximo os sentidos perceptivos e a imaginação.

Em uma das aulas levamos tinta aguada e uma pequena esponja, e pedimos para que eles molhassem o papel com a tinta, deixando ela escorrer aleatoriamente sobre o papel, depois trocamos os resultados e cada um iria interferir no trabalho do colega, escrevendo e desenhando por cima o que a imagem formada poderia ser. Alguns resultados foram bastante criativos como o de uma menina que viu em uma folha com muitas cores escuras o rio Tietê.

A contação de histórias também foi muito bem aceita. E embora, muitas vezes, a aula demore um pouco pra começar por conta da bagunça, no momento da contação todos permanecem atentos, com olhares de interesse, perguntas e participações. Contamos histórias procurando privilegiar a visão – contamos com tecidos e objetos coloridos, a audição – contamos a história como rádio novela e tentamos construir, com eles, paisagens sonoras. E estamos procurando diferentes modos de contar – talvez através do tato, do olfato,... Ainda não fizemos isso, mas gostaria de instigá-los ao final das histórias a investigar um pouco qual é o sabor ou cheiro de cada uma.

Durante todo o processo, nos deparamos com problemas de violência verbal e física na sala de aula, além de um grande número de alunos com dificuldades de leitura e escrita. É prazeroso e animador perceber que, aos poucos, estamos atingindo, se não todos, parte de nossos objetivos. Aos poucos, estamos tentando promover maior escuta e maior diálogo, tentando mostrar a importância do respeito e da reflexão crítica.

Já foi possível notar muitas mudanças. Crianças que não escreviam ou que se recusavam a participar das aulas passaram a escrever, a se colocar melhor e a darem credibilidade aos seus trabalhos.

Dentre as nossas descobertas, até o presente momento, estão:

- Para ensinar é necessário uma fé questionadora, é preciso acreditar no que se faz e ao mesmo tempo estar sempre revendo e revisitando as atitudes e conteúdos.
- Conhecer os alunos é importante e difícil.
- Os combinados devem ficar muito claros.
- Uma comunicação clara é importante. E a comunicação nunca é totalmente clara.
- A gente aprende mais do que ensina.
- Perceber coisas é um primeiro passo, depois é necessário avaliar, mudar, tentar fazer de um novo jeito.
- É importante estar sempre envolvido em um processo de reflexão comprometida e transformadora.

Referências Bibliográficas:

Barbosa, Ana Mae. *Arte-educação: Leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 1997; *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

Read, Herbert. *A Educação pela Arte*. [Siqueira, Walter Lellis; tradução] São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Rousseau. *Emílio ou Da educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 3ª ed.

Piaget, Jean. *Problemas de psicologia genética*. [traduções de Nathanael C. Caixeiro, Zilda Abujamra Daeir, Célia E. A. Di Piero] São Paulo: Abril Cultural, 1978.

Platão. *A alegoria da caverna*

Derdyk, Edith. *Linha de horizonte - por uma poética do ato criador*. São Paulo: Escuta, 2001.